

Arruda já faz ameaça

ANA MARIA CAMPOS

BRASÍLIA – O senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) vai partir para o tudo ou nada para evitar a cassação. Em conversas reservadas, ele tem dito que poderá entregar muitos segredos acumulados em seus dois anos como líder do governo. Abandonado pelos antigos aliados durante o processo sobre a violação do painel eletrônico do Senado, Arruda acha que com esse tipo de ameaça pode convencer o governo a estender-lhe a mão. "Não vou morrer sozinho. Muita gente vai junto", disse ontem a um amigo.

Arruda adotou esse tom desafiador no sábado, após a revista *Veja* noticiar que o ex-banqueiro Salvatore Cacciola tinha fitas que comprovavam a participação do ex-presidente do Banco Central Francisco Lopes na venda de informações privilegiadas a investidores – o que tanto Cacciola quanto Lopes negam. Como vice-presidente da CPI dos Bancos, em 1999, Arruda conheceu os bastidores da investigação sobre o socorro de R\$ 1,6 bilhão do Banco Central ao MarKa, de Cacciola, e ao FonteCidam. Bastidores que ele parece disposto a revelar para salvar a pele.

Durante a CPI, o então senador tucano se encontrou várias vezes com o presidente Fernando Henrique Cardoso e com o ministro da Fazenda, Pedro Malan. O entrosamento lhe rendeu um bom cargo ao final da CPI. Em agosto de 1999, foi nomeado líder do governo no Senado.

Chantagem – Antes de o caso do BC voltar à tona, Arruda ensaiava os trechos de sua carta de renúncia, porque não acreditava mais que pudesse reverter a aprovação do relatório do senador Saturnino Braga (PSB-RJ) no Conselho de Ética, amanhã. Ele não queria correr o risco de perder os direitos políticos. Com o escândalo novamente em alta, ele acha que qualquer informação sobre a CPI passou a valer muito mais.

Agora, ele voltou a descartar a renúncia. A amigos disse ontem que pretende enfrentar o processo de cassação. "Vou até o fim. Vou até ao bispo se for preciso", disse a um deputado. Arruda argumentou que sua vida pública estará acabada mesmo que renuncie. Por isso, correrá todos os riscos para manter o mandato, mesmo sob a pena de perder os direitos políticos. "Vou pagar para ver se terão coragem de me cassar", afirmou.